

COMPENDIO
DE
CIVILIDADE
CHRISTÃ

OFFERECIDO ÀS FAMILIAS E ÀS ESCOLAS
BRASILEIRAS

POR

D. ANTONIO DE MACEDO COSTA
BISPO DO PAULISTA

A polidez é a flôr da humanidade.
Quem não é bastante polido, não é
bastante humano.

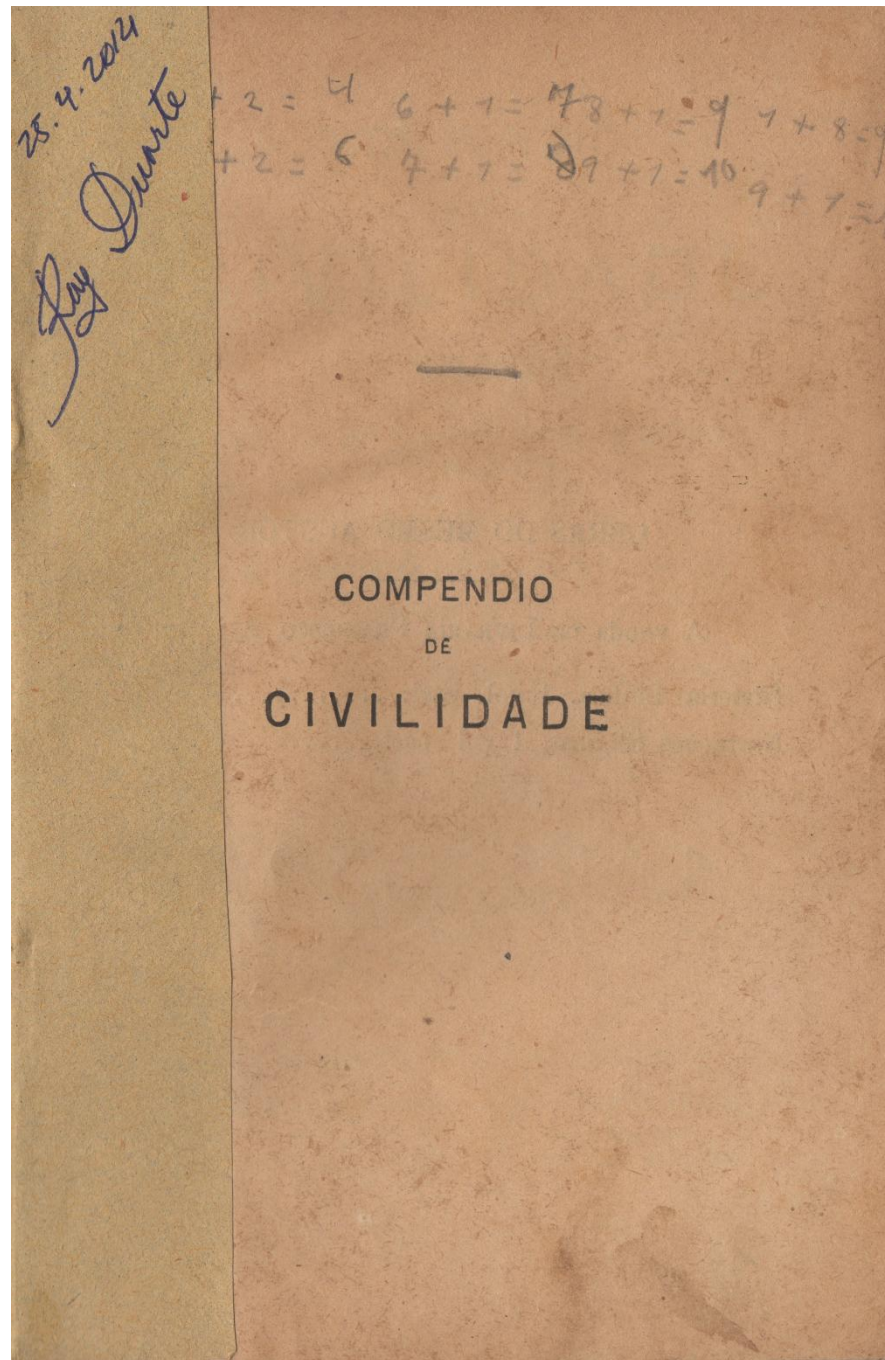
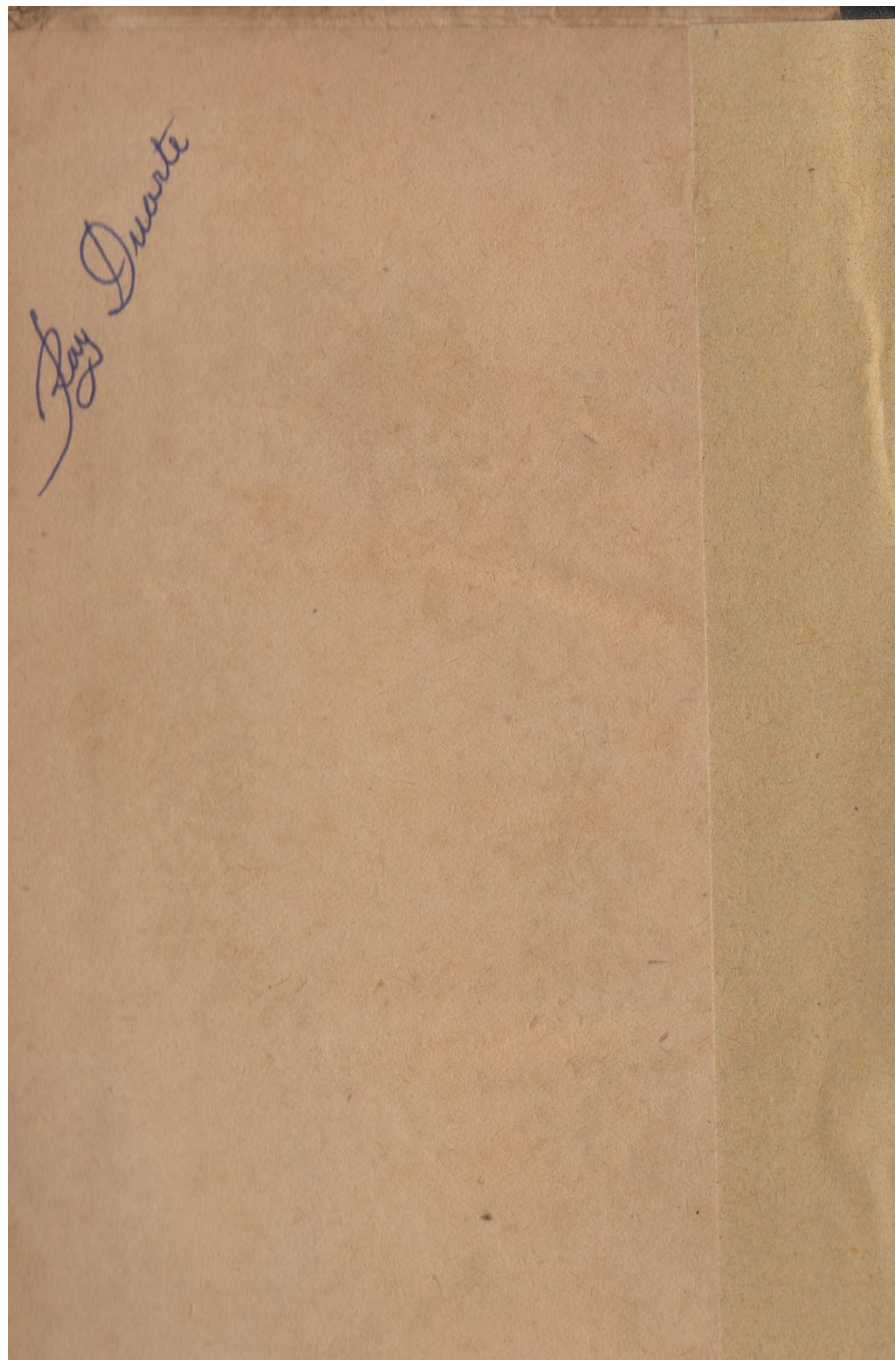
(Joubert, *Pensée* VIII, 94).

—
Nova edição
—

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, RUA DO OUVIDOR, 166 — Rio de Janeiro

S. PAULO | BELLO HORIZONTE
65, Rua de S. Bento | 1055, Rua da Bahia

1915



OBRAS DO MESMO AUCTOR

A venda na LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Historia Biblica. 1 vol. cart..... 2\$000
Narrações Biblicas. 1 vol. cart..... 1\$000

1 + 7 =

2 7 + 7 =

2 + 1 =

2 + 7 =

1 2 3 4

5 6 7 8

COMPENDIO
DE
CIVILIDADE
CHRISTÃ

OFFERECIDO ÁS FAMILIAS E ÁS ESCOLAS
BRASILEIRAS

POR

D. ANTONIO DE MACEDO COSTA

BISPO DO PARÁ

A polidez é a flôr da humanidade.
Quem não é bastante polido, não é
bastante humano.

(Joubert, *Pensée* VIII, 94).

—
Nova edição
—

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, RUA DO OUVIDOR, 166 — Rio de Janeiro
S. PAULO | BELLO HORIZONTE
65 Rua de S. Bento | 1055 Rua da Bahia
1915

COMPENDIO
CIVILIDADE
CIVIL
TYP. da Livraria Francisco Alves

ADVERTENCIA

Este livro recommenda-se a todos os educadores não só pela sã doutrina, como também pela belleza e simplicidade de linguagem com que foi escripto. Por estes motivos o recommendamos encarecidamente aos amigos da infancia.

F. A.

AO LEITOR

Se este opusculo preenchesse o fim para que foi escripto, não fôra miſtér justificar-lhe a utilidade.

É a civilidade, no conceito de todos, um complemento indispensavel da boa educação. Seus principios e regras devem ser inculcados diligentemente aos meninos, desde os mais tenros annos, e assim se costuma praticar nos paizes mais avantajados em civilisação, d'onde resulta tornar-se a sociedade ali tão reccommendavel pela fina urbanidade, primorosa elegancia e nobreza do trato.

Infelizmente, assás descurado vae entre nós este, como outros ramos d'instrucção. Na familia, na escola, no collegio, muitas vezes, não se attende seriamente a este assumpto; e por isso não é raro encontrar-se na sociedade pessoas, até esclarecidas e de certa posição, sem tacto, sem distincção nos modos, faltando aos mais elementares principios da polidez e do decoro.

Temos para nós que é tempo de darmos ao ensino da civilidade christã o lugar importante que elle deve occupar na educação domestica e publica.

Para isso faltava-nos um compendio, que em boa linguagem e com ordem facil e methodica expozesse o complexo das regras de civilidade, baseando-as no principio christão.

É o que tentamos fazer no presente opusculo, cujo plano geral tomamos a um muito acceito nas escolas de França.

Adoptámos a fôrma do dialogo, como mais propria a animar o assumpto e a interessar e fixar a irrequieta curiosidade dos nossos caros leitoresinhos.

Deus lhes dê juizo e boa vontade para aproveitarem bem do nosso trabalho, que é só o que desejamos.

Pará, 3 de Maio (Festa da exaltação da Santa Cruz) de 1879.

INTRODUÇÃO

— *Que se entende por civilidade ?*

— Entende-se por civilidade ou polidez um conjunto de attentões e delicadezas proprias a tornar amavel, decoroso e agradavel o nosso trato com os outros homens.

— *É necessario aprender e pôr em pratica as regras de civilidade ?*

— Não ha duvida que sim ; pois, se bem sejam muitas d'ellas de si arbitrarias e convencionaes, estão admittidas como lei entre as nações cultas, e sem ellas faltaríamos á caridade e ao bem-viver.

— *Leva-nos o espirito christão a ser polidos ?*

— O christianismo imprimiu na civilidade um caracter novo de gravidade, de distincção, de moralidade, que ella nunca teve, ainda entre os povos mais policiados do paganismo, como nota um sabio auctor. Fazendo-nos considerar os outros homens como imagens e semelhanças

de Deus, como membros de Jesus Christo, regenerados pelo seu sangue, chamados á participação da mesma essencia divina, o Evangelho estreitou os laços da fraternidade, fez do genero humano uma só familia, adoptou os costumes, amenizou o trato social, e inspirou a todos esse respeito attencioso, essa fina urbanidade nas falas, nos modos, nas acções, que fazem o aprazível das sociedades modernas.

A caridade, assim como a humildade evangelica, tornou-se, entre os povos christãos, o principio e a alma da polidez.

— *Como se prova que a caridade do Evangelho é o principio e a alma da polidez ?*

— Prova-se pelos proprios caracteres da caridade, taes como os descreve S. Paulo: *A Caridade*, diz elle, *é paciente, é benigna; não é invejosa, não obra temeraria e precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita o mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo soffre.* (1) Claro está que isto e mais alguma pratica do mundo e conhecimento dos usos da sociedade bastará para tornar o christão um perfeito cavalheiro de maneiras amaveis e bizarras, que o tornarão respeitado e estimado na sociedade de seus semelhantes.

(1) I Cor. XIII. 7.

— *Podeis provar-me esta verdade ainda por outra fôrma ?*

— Provo-a com a razão mesma. Com effeito: em que consiste a polidez e a civilidade? Consiste, em summa, no sacrificio constante que fazemos de nossos commodos aos dos outros, em um esforço continuo para não sermos pesados e desagradaveis a ninguem; antes para darmos a todos testemunhos de deferencia e respeito. Ora, o que melhor nos arma de coragem e de esforço para tantas concessões, tantos sacrificios em bem do proximo, do que a caridade que nol-o faz amar como a nós mesmos? Portanto, o maximo e primordial preceito: *Amarás ao Senhor teu Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a ti mesmo*, é o principio e a base da verdadeira civilidade. E d'aqui vem a maior importancia e o character moral d'ella. A polidez assim comprehendida vem a ser, pois, uma amoravel expansão da caridade no trato da vida civil, uma encantadora efflorescencia do espirito christão na convivencia social.

— *Agora vejo bem como a caridade inspira e produz a verdadeira polidez. Mas a humildade, de que lhe pôde servir ?*

— A humildade, ensinando-nos a pôr-nos sempre no ultimo lugar, dispõe-nos admiravelmente a testemunhar a todos respeito, deferencia e consideração, isto é, a ser delicados e cortezes.

— *Mas não será pueril, e portanto pouco decoroso, entrar nas mais miudas particularidades d'essas regras ?*

— Esta sorte de instrucção não é indigna de um sabio, como ides ver no seguinte exemplo. «Lord Chesterfield, quando era ministro d'El-Rei d'Inglaterra, não duvidava furtar algum tempo do consagrado aos mais graves negocios do Estado para escrever longamente a seu filho Stanhope, de idade de sete annos, sobre as mais pequeninas regras de civilidade, sustentando este sabio, que o que a muitos parece futil, é da mais alta importancia para o homem pensador e amigo da humanidade. Assim, este grande estadista não desdenhou de explicar pelo miudo como se deve entrar em uma sala, assentar-se e sair d'ella, o modo de estar á meza, no passeio, na Igreja; nada lhe esquece, nem mesmo a advertencia de assoar-se sem estrondo e com asseio... Vós talvez acheis nesta advertencia um motivo de riso, diz o auctor que refere o caso, mas eu que conheço o mundo melhor do que vós, não vejo nisto senão uma solicitude paternal, que se estende a tudo, que se occupa das mais miudas particularidades, e que quer achar a perfeição no objecto de sua ternura. Nada é de pouca monta, quando se trata de fazer bem aos homens, tornal-os mais perfeitos, e por consequente mais felizes.

Emfim, S. Francisco de Sales e os mestres do espirito mandam-nos fazer grande provimento de brandura e benignidade, e mostrar-nos attenciosos e amaveis com o proximo, fazendo até nossas acções pequenas com perfeição, afim de tornar d'est'arte a nossa piedade agradável a todos, não só aos estranhos na conversação civil, senão

tambem aos de casa; ora isto não se pôde fazer sem o conhecimento das regras de civilidade e bôa convivencia entre os homens; por onde se deixa conjecturar quanto é necessario este estudo, mesmo sob o aspecto da piedade.

— *Comprehendo agora o alcance e a importancia de um tratadozinho de civilidade christã, porquanto é mister ir affeioando os meninos desde pequenos á pratica das regras de que se compõe. Podeis começar a declarar-m'as, para que eu tambem as ponha por obra?*

— Com toda a satisfação. Mas, como é necessario em tudo proceder com ordem, vamos dividir o nosso tratadozinho em tres partes:

A primeira tratará da modestia que deve apparecer no meneio de nosso corpo.

A segunda, do decoro com que devemos fazer as acções communs e ordinarias.

A terceira constará de exemplos em que apparecerão já reduzidas á pratica as principaes regras de civilidade.

PRIMEIRA PARTE

**Da modestia que deve apparecer no meneio de
nosso corpo**

CAPITULO I

Do meneio e postura do corpo em geral

— *Devemos habituar-nos a trazer sempre o corpo em
boa compostura ?*

— É necessario habituar os meninos desde pequenos a uma boa compostura e posição do corpo, pois por ali mostra logo uma pessoa a boa ou má educação que recebeu e, o que mais é, os bons ou máos sentimentos que nutre no coração. *Pelo exterior se conhece o homem*, affirma a Escriptura. (1) *Vossa modestia*, diz S. Paulo, *seja conhecida de todos os homens, pois o Senhor está perto.* (2)

(1) Eccli XIX, 26, 27.

(2) Philip. IV, 5.

« No mesmo movimento do corpo, segundo S. Ambrosio, no gesto, no andar se deve ter honesta vergonha. Porque a disposição do animo e o seu habito se mostram no modo exterior do corpo. D'aqui se infere se o nosso espirito é mais inquieto; e tambem pelo contrario, se é o mais grave, mais constante, mais puro e mais prudente. Pelo que podemos dizer, que o movimento do corpo é a voz da alma.

« Estaes bem lembrados, filhos meus, continúa o santo Doutor, d'aquelle homem que pelo cuidadoso esmero de sua pessoa julgava tornar-se recommendavel, e que eu não admitti no Clero, unicamente porque tinha um exterior adamado; tambem do outro, que o achando eu já no Clero, lhe ordenei não se apresentasse mais diante de mim, porque me mortificava os olhos com a extravagancia de seu andar... Nem me enganou o meu juizo; um e outro apostatou da Igreja; tal era a perfidia do animo, qual se mostrava em o seu modo de andar. Um deixou a fé, abraçando o partido Ariano; o outro, por dinheiro que se lhe deu, negou ser do partido dos Catholicos, para evitar ser julgado no tribunal da Igreja. Ora, é certo, que no andar de cada um d'elles apparecia um certo ar de leveza e uma certa figura de chocarreiros inquietos. » (1)

A ninguem escapará a sabedoria d'estas observações.

Se os meninos se amoldarem desde os mais tenros annos a um decoroso porte, virão a ser depois bem-

(1) Das obrigações christãs e civis, Liv. 1. C. XVIII.

quistos e estimados na sociedade, e evitarão d'est'arte muitas faltas graves, conservando costumes honestos e puros.

— *O que se deve evitar na postura e nos ademanes do corpo?*

— Deve-se cuidadosamente evitar:

1º Todas as posições affectadas, contrafeitas e ridiculas, contrarias áquelle nobre decoro e simplicidade, áquelle elegancia facil, a não sei que garbo digno e cheio de naturalidade que admiramos nas pessoas de fina educação.

2º Ha de evitar-se tambem um andar ou sacudido demais, ou requebrado e balançado, denunciando animo leviano e desenvolto; ou pelo contrario muito moroso, atado e negligente, denotando preguiça, acanhamento e baixeza de animo.

— *Ha alguns que são reprehensíveis por andar devagar, outros por andar depressa?*

— « Ha alguns, diz o grande doutor da Igreja acima citado, que, andando devagar imitam o gesto dos comicos, e o movimento das estatuas que se levam em triumpho, de sorte que todas as vezes que dão um passo, parece que observam certas e determinadas leis de movimento affectado.

« Não me parece decente andar tambem a correr, excepto quando alguma grave causa ou necessidade o exige. Porque ordinariamente vemos os que andam de-

pressa fazerem movimentos violentos de rosto, e com a fadiga respirarem desagradavelmente; o que parece mal e não é desculpavel sem que haja causa da pressa.

« Mas eu não falo d'aquelles que andam depressa por alguma causa e em caso particular; sim d'aquelles que continuamente andam d'este modo, que lhes é como natural. Não approvo serem aquelles como estatuas, nem a estes andar com movimento desordenado.

« Deve ser o passo regular, deve ter auctoridade, gravidade, socego; sem cuidado nem affectação, mas natural e simples; porque nada affectado agrada. Dirija a natureza o nosso movimento. Se nella houver algum defeito, emende-o a industria; ainda que falte a arte, não falte a emenda. »

— *Apontae outras regras que devo observar.*

— Meu menino, debes conservar sempre um ar nobre e digno, mas ao mesmo tempo modesto; para não parecer que te elevas a ti mesmo, e desprezas os outros. Um entono fidalgo, desacompanhado de doçura e bondade, não é proprio a grangear respeito nem afeição, mas sim desamor e desprezo.

Modos altanados e soberbos são absolutamente alheios de todo homem sensato, quanto mais do christão, para quem orgulho é o peor de todos os vicios.

Não inches, pois, o peito, nem te empertigues a ponto de pareceres insolente, nem confundas nunca decorosa gravidade com fátua soberbia.

Uma merece louvor; outra, vituperio.

— *Ha mais regras ainda?*

— Ha. Não tomes o costume de encurvar as costas, como fazem certos meninos que parecem velhos, costume até anti-hygienico, pois damnifica ao peito; nem faças tregeitos e contorsões, que isso é bom para truões e palhaços; não gesticules demais, quando falas, como fazem algumas crianças de genio demasiado vivo e petulante, nem te encostes nunca á parede, que é muito má costume.

Estender negligentemente o corpo e os braços (vulgarmente espreguiçar-se) é muito reparado e de má tom, e quem o faz diante de companhia, dá logo triste cópia de sua criação.

— *O que devo mais aprender sobre a postura do corpo?*

— Sabe mais, que não te debes levantar sem necessidade quando todos estão assentados, nem assentar-te quando toda a companhia se conserva em pé.

Que não te debes collocar num lugar de passagem incommodando os transeuntes.

Que não debes escolher para ti o assento mais comodo, nem te recostares nas espaldas das cadeiras; nem balançar o corpo e as pernas; nem coçar-te ou fazer acção pouco airosa, ou que offender possa os olhares dos outros.

Emfim debes evitar quanto é contrario á decencia, ao decoro e respeito devido ao teu corpo, que é o templo do Espirito Santo. *Não sabeis*, diz S. Paulo, *que o vosso corpo é o templo do Espirito Santo, e membros de Jesus*

Christo!... Pois já que fostes resgatados por um grande preço, glorificae e trazei a Deus, em vosso corpo. (1) A vontade de Deus, diz ainda o Apostolo, é que cada um possua o vaso de seu corpo santa e honestamente... (2)

É preciso, pois, tratarmos com religioso respeito este vaso sagrado, esta custodia da Divindade, que é o nosso corpo.

Oh! como este principio christão é fertil em applicações praticas, e do maior momento para a direcção da vida!

CAPITULO II

Da cabeça, das orelhas e do cabello

— *Como se ha de conservar a cabeça?*

— A cabeça ha de conservar-se direita e naturalmente levantada, sem fazel-a andar á roda, como cata-vento, nem trazel-a habitualmente pendida para o hombro direito ou esquerdo, abaixada para diante, ou lançada para traz.

Bambeal-a sempre e balançal-a sobre o pescoço, como se se procurasse equilibrar-a, é de gente parva, de juizo leve, cabecinhas de vento.

Os movimentos da cabeça devem ser moderados e dignos, naturaes e sem affectação.

(1) Cor. VI. 19.

(2) Thess. IV. 35.

Fôra violar as leis da civilidade responder batendo, ou sacudindo com a cabeça, e desasseio coçal-a, ou passar a mão por entre os cabellos, maiormente á mesa.

— *Que taes os meninos que trazem os ouvidos pouco asseitados, ou os limpam com os dedos diante de gente, ou sopram e dão gritos nos ouvidos dos outros?*

— Estes meninos passam necessariamente por grosseiros e mal educados; devem ser advertidos, para não caírem mais nestes defeitos, que podem ter más consequências.

Este orgão do ouvido que nós foi dado pelo Creador não deve ser manchado com palavras feias e indecentes, e só deve abrir-se a discursos honestos e sensatos.

— *Que regra devo seguir a respeito dos cabellos?*

— A respeito dos cabellos, caro menino, deves seguir aquella aurea regra de Santo Agostinho: *Aos cabellos, diz elle, nem os desgrenhe a negligencia, nem os alinhe o esmero*; quer dizer, que devemos evitar dous extremos, por igual viciosos e condemnaveis: de um lado, vaidade e affectação ridiculas, proprias de gente adamada e sem juizo; de outro, desalinho e desasseio proprios de gente baixa e desleixada. Um christão destinado a ser ornado, enfeitado de gloria immortal, não sua cabeça, como os fatuos, mas contenta-se com decoroso asseio, amanho modesto e nobre simplicidade. É deshonna para um moço trazer cabellos crescidos e arranjados com affectação.

— *Não sois um pouco severo?*

— Esta doutrina não é minha, senão de S. Paulo:

Não vos ensina a mesma natureza, diz o grande Apostolo, que crear longos cabellos é deshonra para o homem ? ⁽¹⁾

E se ás proprias mulheres só permite o mesmo Apostolo, *um ornato pudico e sobrio*, e as reprehende pelos *cabellos annelados com arte* e outras pompas vãs, ⁽²⁾ quanto mais condemnará elle taes vaidades nos homens ? Passar, pois, tempo consideravel diante de um espelho a arranjar cabellos, é proprio de animos effeminados, vãos, incapazes de nobres estimulos.

Aconselho-te, pois, que tragas os teus cabellos curtos e modestos, e para isso convém mandal-os cortar de vez em quando.

— *O que diz a civilidade a respeito dos perfumes e aguas de cheiro de que alguns usam ?*

— O emprego dos perfumes propriamente ditos, ou essencias, como almiscar e outros com que se impregnam os cabellos, luvas, lenços, roupa, não sómente é reprovado pelas regras da mortificação e modestia christãs, senão que é tambem contrario á polidez e ao bom gosto, diz um auctor discreto. Ha muito, que disse Montaigne : *Para cheirar bem, não se ha de ter cheiro.*

A polidez do mundo dá hoje razão ao satyrico moralista. Os perfumes estão banidos da boa sociedade, e as mesmas mulheres não estão dispensadas d'esta lei. ⁽³⁾

⁽¹⁾ Cor. VI, 19.

⁽²⁾ Thess. IV, 35.

⁽³⁾ Veja-se a obra muito estimada intitulada *Politesse*, por M. Branchereau, pag. 34 e 35.

« Os homens não costumam trazer cheiros, uso muito acertado que espero observes escrupulosamente, diz o auctor do *Codigo do bom tom*. ⁽¹⁾

« O homem deve deixar-se de perfumes, e abandonar os ás mulheres casquilhas, que usam d'elles para a attenção, diz outro auctor, ⁽²⁾ e esta é hoje a opinião geral.

Evitemos, pois, tamanho ridiculo.

Não entendemos, todavia, condemnar o uso, certamente legitimo, de certas composições mais ou menos aromatizadas, que se empregam para asseio da boca, das mãos e do rosto. ⁽³⁾

CAPITULO III

Do rosto

— *Como devemos trazer o rosto ?*

— *Pelo ar do rosto se conhece o homem sensato, diz o Espirito de Deus na Escriptura. O rosto é o espelho d'alma, onde se reflecte a bondade ou a perversidade do coração.*

⁽¹⁾ J. J. Roquette, pag 275.

⁽²⁾ *Novo Manual do bom tom*, por Verardi, pag. 81.

⁽³⁾ Vid. *Politesse*, pag. 34. Este auctor acautela tambem com razão a todos contra muita droga nociva, que se annuncia com grande estrepito nos jornaes.

Devemol-o apresentar habitualmente aos nossos semelhantes respirando doce gravidade, singela modestia e sabedoria amavel, evitando todo ar carrancudo, severo ou merencorio, proprio a desgostar o proximo.

— *Varia o ar do semblante conforme as circumstancias e pessoas ?*

— Varia ; pois fôra absurdo ter um parecer risonho, ou indifferente, quando as pessoas com quem conversamos estão tristes ; ou mostrar sombria e carregada catadura, quando ellas dizem cousas lépidas e agradaveis. Deve, além d'isso, ser a compostura do rosto reservada sem desconfiança, com os estranhos ; respeitosa sem timidez, com os superiores ; livre e affavel sem excessiva familiaridade, com os iguaes ; branda e accessivel, sem descabidas liberdades, com os domesticos. A todos, porém, cumpre mostrar, quanto possivel, um aspecto agradável, sereno e igual, sem aquellas mudanças e alternativas de alegria e máo humor que são mais proprias de pessoas dominadas por paixões, do que de gente virtuosa.

— *É preciso ser muito senhor de si para conseguir esta igualdade no ar do rosto ?*

— Sem duvida precisamos, para isso, adquirir grande imperio sobre nós mesmos, de modo que nem nos abatamos na adversidade, nem nos alegremos de mais na prosperidade.

O varão forte, bem que manifeste no semblante os sentimentos de mágoa ou prazer de que se acha possuido, esforce-se todavia por moderar-os ; e nem se mos-

tra abatido, como os fracos, nem dissipado, como os levianos.

E vale a pena este esforço ; pois tão insupportavel é viver com alguém que muda a cada passo de cara, quanto deleitavel pratica com pessoa de exterior sempre repousado e, quanto possivel, sereno.

— *O que se deve pensar do pudor ?*

— O pudor faz subir ao rosto uma côr viva que o torna mais formoso. É a côr da virtude. É como o rebate que dá a innocencia contra o que quer feril-a. Não deixes nunca de corar, quando proferirem diante de ti palavra, ou praticarem acção pouco modesta. Ai do menino que não córa ! « O despudor, o endurecimento e uma licença desenfreada, diz um auctor, são muitas vezes a prova da depravação e immoralidade de um coração, que de nada sabe ter pejo. »

Tambem não cores do bem, que é isto signal de animo apoucado e escravo do respeito humano. Os actos de religião e de virtude hão de se fazer de rosto levantado, sem acanhamentos servis. Ha nelles algum mal, para nos constrangermos e envergonharmos ? Pelo contrario, é, e será eternamente, uma grande honra practical-os.

— *O que se deve fazer mais quanto ao rosto ?*

— Deve-se conserval-o sempre asseiado, lavando-o todos os dias logo ao levantar-se ; quando banhado de suor, enxugal-o com o lenço e nunca com a mão.

A fronte conserve-se calma e desenrugada. Franzindo-a, carregando os sobrolhos, dá-se logo á physionomia uma expressão severa, tristonha, agastada, repulsiva; ou então parecerá que andamos preocupados e azafamados, o que não condiz com aquelle agrado e lhaneza que habitualmente devemos mostrar aos nossos semelhantes.

Algumas vezes, todavia, cumpre tornar o nosso rosto severo, e é quando o dever nos move a corrigir os que praticaram o mal. *Pela tristeza do semblante, diz a Escriptura, se corrige o animo do delinquente.* (1)

Inchar as faces, batel-as com as mãos, é incivildade e grosseria tal, que não se deve deixar passar nos meninos sem a devida reprehensão.

— *O que se deve pensar de quem esgarra ou dá uma bofetada na face de seu semelhante?*

— Este tal faz um acto hediondo e selvagem, uma injuria atroz; todavia quem foi assim affrontado, não se deve vingar fazendo ao seu offensor outro ultrage semelhante; mas lembrar-se de Jesus cuspido e esbofetado, e a exemplo d'este divino Mestre soffrer com paciencia e perdoar.

(1) Eccle. VII, 4.

CAPITULO IV

Dos olhos e olhares

— *Devemos tambem attender aos nossos olhos?*

— Devemos na sociedade ter peculiar cuidado com os nossos olhos, porque são elles as principaes janellas d'alma, por onde ella se communica sem falar. A physionomia toma d'elles sua luz principal e expressão. O que está no coração, apparece logo nos olhos, que são os interpretes de todos os nossos affectos e inclinações.

Por isso diz Nosso Senhor no Evangelho: *Se vosso olho fôr puro, todo o vosso corpo será luminoso; mas se vosso olho fôr impuro, todo o vosso corpo estará mergulhado em trevas.* (1)

— *Convém dar ao olhar uma boa expressão?*

— Certamente, convém que nossos olhares respirem modestia, candura, brandura, benevolencia, e se algum defeito ha no olhar, cumpre quanto possivel, corrigil-o.

— *Quaes são as principaes faltas que se commettem com os olhos?*

As principaes faltas que se commettem com os olhos são as seguintes:

1.º Escancaral-os e fital-os atrevidamente em pessoas respeitaveis. Só os petulantes se tornam réos de semelhante incongruencia.

(1) Luc. XI, 34.

1. Volver as vistas de um lado para outro, com extrema mobilidade, como fazem cabeças no ar, gente leviana ou estonteada.

2. Carregar o olhar e tornal-o sombrio e sinistro, o que nos dá logo ares de homens máos e colericos.

3. Pregar immodestamente as vistas numa pessôa, o que é gravemente faltar ás regras do decoro, e querer mesmo passar ao menos por um parvo e indiscreto.

4. Deter os olhos em objectos indecentes. Só os libertinos se mancham com tão feia immodestia, condemnada severamente pela moral do Christianismo.

5. O recatado olhar, meu caro menino, cobre a pureza do coração. Não o esqueças nunca.

6. Abaixa, pois, os olhos, desde que deres com elles em cousa que offender possa tua modestia.

7. O olhar impudico é correio de um coração perverso, diz Santo Agostinho.

— *Ha ainda outros defeitos que evitar?*

— Sim. Dá-se cousa mais de estranhar do que olhar um menino para os outros por cima dos hombros, affectando desdem; ou fechar um dos olhos, piscal-os, fingir-se cego, arregaçar as palpebras, etc.? Tudo isto é feio, grosseiro, indigno de um menino de boa educação.

— *Tendes mais alguma cousa que me declarar?*

— Sim, segundo um auctor, convém que os olhos exprimam sempre sentimentos nobres e modestos. Para isso é preciso não rolar-os continuamente dentro das orbitas, o que nos dá um ar feroz; nem conserval-os na conver-

sação muito immoveis, fitos num objecto, como quem está absorto ou distraído; nem pregal-os em alguém, como quem quer esquadrinhar o que lhe passa nos intimos re-folhos d'alma; nem tambem trazel-os sempre baixos, como quem está atado, ou arranjando ademanes; emfim não evites habitualmente o encontro do olhar d'aquelle com quem falas, que isso te fará suspeitar de hypocrisia e dissimulação.

Desconfiemos de gente que não nos olha em face. ⁽¹⁾

CAPITULO V

Do nariz

Que regras de civilidade cumpre observar quanto ao nariz?

— Devem-se observar varias regras bem importantes:

1.º Assoar-se sempre com um lenço, com todo o asseio, voltando o rosto um pouco para o lado, e sem estrondo.

2.º Não conservar o lenço na mão, nem gesticular com elle, nem trazel-o debaixo do braço, nem pôl-o sobre a mesa ou na cadeira, mas dentro da algibeira, que é o seu lugar.

(1) Vid. *Politesse*, pag. 104.

3º «Levar a mão ao nariz, ou introduzir o dedo nas fossas nasaes é desasseio e grosseria imperdoaveis, e além d'isso costume perigoso pelos incommodos que pôde acarretar, e de que nos podemos resentir muito tempo depois. Devem, pois, os paes tratar com desvelo de fazer evitar isto aos meninos.» (1)

4º Ha de se espirrar sem estrondo e guardando o asseio e modestia conveniente. Como é de bom tom saudar com simples venia a pessoa que espirra, deve-se corresponder em silencio a esta saudação, sem todavia descobri-se.

— *Que se deve pensar do costume em que se pozeram certas pessoas de fungar ou tossir quando falam, e de outras que interrompem o discurso, expellindo o ar do nariz, como para desembaraçal-o, sem que todavia haja precisão d'isto?*

São sestros mui desagradaveis, e que cumpre evitar com esmero.

CAPITULO VI

Da boca, dos labios, dentes e lingua

— *Como se ha de trazer a boca?*

— Deve-se ter a boca em grande asseio, evitando o que lhe pôde dar máo halito, pelo que convém sempre lavar-a bem cada manhã.

(1) *Les règles de la bienséance.*

Não trazel-a sempre aberta, ou com uma continua expressão de riso tolo, como os aparvalhados; evitar tregeitos, caretas, ranger ou bater os dentes, estirar a lingua, lamber os labios, e outros modos incivis e ridiculos, proprios de gente que não se respeita.

Se os paes e mestres forem bem cuidadosos, nunca as crianças tomarão sestros tão reprehensíveis.

— *É máo o costume de morder os labios?*

— Morder os labios damnifica-os, pelo que se deve evitar, como tambem estical-os com os dedos, cerral-os demais, repuxal-os em contorsões, ou separal-os de modo a deixar entrever os dentes e as gengivas.

— *Muitos meninos não estragam os dentes?*

A maior parte dos meninos estragam a dentadura, ou não a limpando, ou esfregando-a com escovas duras, areia e outras materias que lhe fazem perder o bello esmalte; ou comendo cousas que podem denegrir os dentes, arruinal-os ou abalal-os; ou tambem atando nelles cordões, inserindo alfinetes, etc. (1)

— *O que se ha de fazer quando fôr necessario assoar-se, tossir e escarrar, principalmente estando alguém falando?*

As regras são as seguintes:

1º. Só assoar-se, escarrar, tossir, quando houver verdadeira necessidade, e não por sestro ou vontade, como acontece a alguns, que em qualquer vexame se poem

(1) Vid. *Les règles de la bienséance*, cap. VIII.

a tossir, ou escarram para mostrar desprezo ; o que é do infimo tom, e só proprio de quem nenhuma educação teve.

2º Escolher, quanto possível fôr, para isso, os momentos convenientes, isto é, aquelles em que não vexarmos nem a pessoa que fala, nem as que escutam.

3º Qualquer que seja o momento que escolhermos, procurar fazer estas acções com o menos estrondo possível, abafando até o rumor com o lenço.

4º Nunca escarrar, ou cuspir em tapete ou assoalho, nem pela janella, mas sempre no lenço, dobrando-o logo, sem olhar para elle, o que seria grosseria e desasseio muito para reparo.

— O que fazer se nos vêm soluços, eructações, borborygmos ?

— Se não se pôde impedir taes accidentes, convém ao menos moderar-os, e quando é isso impossivel, com os soluços, é mais conveniente deixar a companhia e voltar depois de passado o accesso. ⁽¹⁾

— Não é grande incivildade bocejar, assobiar, cantar entre dentes ?

— É grandissima incivildade bocejar ou abrir a boca, principalmente com estrondo, diante de gente; pois é isso dar mostra de profundo tedio e aborrecimento. Ora, como diz chistosamente um auctor, não é prohibido a uma pessoa ter tedio, mas é prohibido dar a conhecer que o tem.

(1) Vid. *Politesse*, pag. 106.

(Nota por occasião da natureza como fumar etc.)
Como se poderia esperar não está
de acordo com a natureza mas não sempre
claro

Quanto a cantarolar baixo e entre dentes, é proceder de todo alheio da boa educação. Assobiar só na estrebaria e entre pessoas da infima ralé.

— Que se deve pensar do uso de fumar, tomar tabaco ou rapé, etc. ?

— Aos meninos e adolescentes, deve, em regra, ser isso absolutamente prohibido. O cuidado que os paes devem ter da saúde de seus filhos, seria motivo bastante para esta prohibição. Habeis medicos sustentam que o uso do fumo produz dôres de cabeça, faz perder o appetite, e causa debilidade e esgotamento de forças, pela quantidade de saliva que faz lançar. Póde até perturbar o exercicio das funcções intellectuaes, e produzir embrutecimento. Se certos temperamentos resistem a estes máos effeitos, outros, principalmente o das crianças, soffrem cruelmente. ⁽¹⁾

Além d'isto, o habito de fumar expõe as crianças ao desasseio, ennegrecendo-lhes os dentes, impregnando-lhes de máo odor a boca, os vestidos, o quarto em que habitam ; dá-lhes ares desenvoltos e insolentes ; inclina-os á sensualidade ; amollece-lhes o character ; faz-lhes dispendir inutilmente tempo e dinheiro e prepara-os para adquirirem vicios mui degradantes.

São verdadeiramente crueis aquelles paes que mandam accender charutos ou cachimbos pelas crianças, e

(1) *Leçons sur le tabac* par le Dr. Imbert-Gonbeyre.

assim as habitua desde a tenra idade ao vicio de fumar. O mesmo deve dizer-se do costume de tomar tabaco. O de *mascar* é tão horripilante, que fôra escusado condemnal-o.

CAPITULO VII

Dos defeitos na fala e pronuncia

24-11-31
— *Quantas são as espécies de defeitos na fala e pronuncia?*

— Duas são as espécies de defeitos no falar e pronunciar, uma natural, que provém de má disposição dos órgãos da voz; outra voluntaria, que se adquire por má costume.

— *Quaes são os defeitos naturaes? podem-se estes corrigir?*

— Numerarei os principaes e são: 1.º a *gaguice*, ou empate na pronuncia de certas syllabas, ou repetição d'ellas ás sofredas; 2.º o *cicío*, ou má pronuncia dos ss; 3.º a *balbuciencia*, ou difficuldade e hesitação em achar as palavras, e pronunção d'ellas pouco distincta, com expressão defeituosa dos bb e dos ll; 4.º o *engrolamento* ou precipitação nervosa na articulação, que faz se engulam uma ou mais syllabas da palavra; 5.º o som fanhoso e rouquenho da voz, a pronuncia defeituosa dos rr, etc.

Tudo isto póde provir de má conformação dos órgãos vocaes; mas muitos d'estes mesmos defeitos se podem corrigir ou mediante ligeiras operações chirurgicas, ou mediante tratamento e exercicios convenientes, para o que cumpre consultar os peritos.

— *Quaes são os defeitos voluntariós?*

— Estes outros defeitos são verdadeiros sestros, ou baldas, que fazem muito má effeito quando se fala; é mistér corrigir logo e logo, pois a experiencia mostra, que se os paes ou mestres deixam as crianças habitua-rem-se a estes defeitos, depois com muita difficuldade se emendam.

— *Podeis declarar-me pelo miúdo estes defeitos?*

— Mui de boa mente.

O primeiro é pronunciar com os dentes cerrados, o que torna a fala inintelligivel; ou com nimia volubilidade, como os de genio petulante; ou gritando e atordoando os ouvidos, como os insolentes; ou pelo contrario em voz muito baixa e sumida, como os acanhados e timidos.

O falar deve ser claro e natural, adaptado ao assumpto e á pessoa com quem se fala. Os que falam lentamente e mastigando as palavras, ou as proferem de modo effeminado e languido, tornam-se insipidos e insupportaveis na sociedade. Os que pronunciam de arrancada e asperamente, merecem tambem critica e reparo.

Entre nós ha tendencia quasi geral para pronunciar as consoantes de modo um tanto frouxo, o que dá ao falar